

# MULHERES NA LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO: problematizações contemporâneas

*Lucélia Silva Wikboldt*<sup>1</sup>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense  
<http://orcid.org/0000-0001-8112-7457>

*Bárbara Garré*<sup>2</sup>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense  
<http://orcid.org/0000-0002-6229-1603>

## RESUMO:

O presente artigo é recorte de uma pesquisa que problematiza a participação da mulher na ciência, especialmente no Curso de Licenciatura em Computação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) Câmpus Pelotas. O trabalho em questão tensiona a constituição dos campos de saber que compõe o Curso – docência e computação –, traçando um olhar sobre as relações de gênero histórico-culturais. Tal interesse de investigação emergiu de algumas inquietações, especialmente quanto ao número reduzido de mulheres que frequentavam o Curso. Para a problematização da pesquisa toma-se como questão norteadora: Como chegamos a essa naturalização que delimita alguns campos de saber como mais propícios aos homens do que às mulheres? Como estratégia metodológica, realizou-se um estudo bibliográfico por meio de artigos coletados em plataformas acadêmicas, como o Google Acadêmico, Scielo, Portal de Periódicos da CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Também foi feito um mapeamento de trabalhos e estudos que discutissem sobre a emergência da ciência enquanto campo de saber e da inserção da mulher nele. Além disso, alguns dados sobre o próprio Curso de Licenciatura em Computação são utilizados para contextualização de algumas discussões, tais dados versam sobre: matriculados, egressos e evasões por gênero. O estudo permite compreender alguns traços histórico-culturais que levam o referido Curso a se constituir como um campo hegemonicamente masculino, apesar de se tratar de uma licenciatura, considerada uma área feminina, tem uma aderência masculina muito maior, pois o que se coloca em evidência, na busca pelo Curso, é a área da Computação.

---

<sup>1</sup> Licenciatura em Computação (IFSUL). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense (IFSUL). Brasil. [lc.lucelia@outlook.com](mailto:lc.lucelia@outlook.com).

<sup>2</sup> Doutora em Educação Ambiental (FURG). Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense (IFSUL). Grupo de Pesquisa Estudos Foucaultianos em Educação (GEFE - IFSUL). Brasil. [barbaragarre@gmail.com](mailto:barbaragarre@gmail.com)

**Palavras-chave:** Mulheres na ciência. Licenciatura em Computação. Gênero.

## **WOMEN IN THE TEACHING DEGREE IN COMPUTER SCIENCE: CONTEMPORARY DISCUSSIONS**

### **ABSTRACT:**

This paper is part of a research which discusses women's participation in science, more specifically in the Teaching Degree in Computer Science Program at the Sul-rio-grandense Federal Institute of Education, Science and Technology (IFSul), Campus Pelotas. This paper confronts the fields of knowledge that are part of the program – teaching and computing – focusing on cultural-historical gender relations. Such investigation interest emerged from a few concerns, especially as to the reduced number of women taking part in the course. For the discussion, the following question guides the research: How do we reach this naturalisation which limits some fields of knowledge as more proper for men than for women? The methodological strategy used was a bibliographical study with articles collected in academic websites, such as Google Academic, *Scielo Portal de Periódicos* from CAPES and the Brazilian Digital Library of Thesis and Dissertations (BDTD). There was also a survey of papers and research that discussed the emergence of science as a field of knowledge and women's insertion in it. Some data from the Computer Science program is also used to contextualize some discussions, which consist of: enrollment, alumni and drop off rates by gender. This study allows us to understand a few cultural-historical features that turn this Program into a predominantly masculine field, even though it trains teachers, considered largely a women's area. There's a higher rate of men's enrollment, because in the search for the course, the Computer Science area is highlighted.

**Keywords:** Women in Science. Teaching Degree in Computer Science. Gender

## **MUJERES EN LA LICENCIATURA EN COMPUTACIÓN: PROBLEMATIZACIONES CONTEMPORÁNEAS**

### **RESUMEN:**

Este artículo es un recorte de una pesquisa que problematiza la participación de la mujer en la ciencia, especialmente en el Curso de Licenciatura en Computación de Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL) campus *Pelotas*. El trabajo debate la constitución de los campos del saber que componen el curso – docencia y computación – proyectando una mirada hacia las relaciones de género histórico-culturales. Dicho interés de investigación surgió de algunas inquietaciones, especialmente en lo que se refiere al reducido número de mujeres que frecuentaban el curso. El eje de la problematización es: ¿cómo hemos llegado a esa naturalización que delimita algunos

campos del saber como más propicios a los hombres que a las mujeres? Como estrategia metodológica, se ha realizado un análisis bibliográfico por medio de artículos colectados en plataformas académicas, tales como Google Académico, Scielo, Portal de Periódicos de CAPES y Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). También se han mapeado trabajos y estudios que discutieran la emergencia de la ciencia como un campo de saber y de inserción de la mujer. Además de eso, algunos datos sobre el propio curso de Licenciatura en Computación han sido utilizados para contextualización de algunos debates. Esos datos se refieren a: matriculados, egresos y evasiones por género. La pesquisa permite comprender algunos rasgos histórico-culturales que llevan el referido curso a constituirse como un campo hegemónicamente masculino, pues, aunque se trate de una licenciatura, considerada un área femenina, tiene una adherencia masculina mucho mayor, ya que lo que se evidencia en la búsqueda por la carrera es el área de la Computación.

**Palabras clave:** Mujeres en la ciencia. Licenciatura en computación. Género.

## Introdução

O presente estudo é oriundo de um Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Computação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul) campus Pelotas. A pesquisa realizada teve como objetivo investigar sobre o papel da mulher na ciência, especialmente no Curso de Licenciatura em Computação do próprio IFSul, compreendendo como se constituem tais campos diante das relações de gênero histórico-culturais. Tal interesse de investigação emergiu de algumas inquietações, especialmente quanto ao número reduzido de mulheres que frequentavam o Curso. Quando falamos sobre computação, surge uma questão por esta ser considerada uma área difícil, já que “só homens cursam computação”. Além disso, ao frequentar o curso, nos deparamos com um baixo número de mulheres em sala de aula, o que nos causou estranhamento. Logo, estes fatores, dentre outros, motivaram a realizar tal estudo, buscando subsídios teóricos para entender as tramas históricas e culturais para que algumas áreas sejam consideradas mais femininas do que outras.

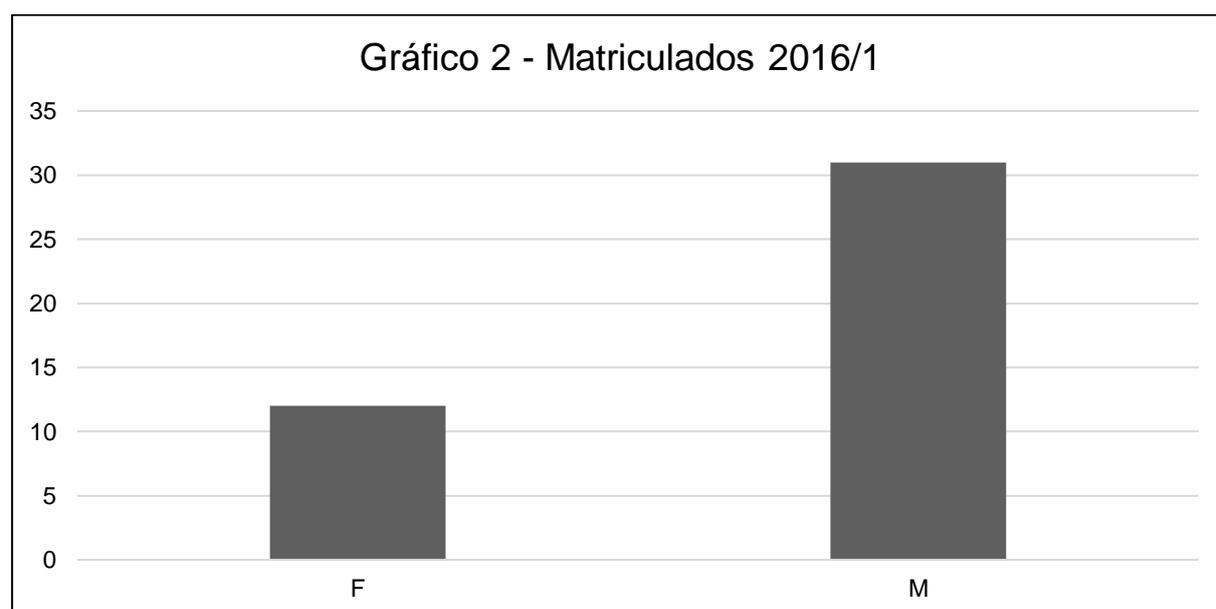
A partir do estranhamento do baixo número de mulheres em sala de aula, ficamos motivadas a buscar os dados do próprio Curso sobre matriculados, egresos e evasões por gênero. Realizando uma leitura sistemática dos dados juntamente com o referencial teórico estudado surge a questão: como chegamos a essa naturalização que delimita alguns campos de saber como mais propícios aos homens do que às mulheres? Assim, foi feito um mapeamento de trabalhos e estudos que discutissem sobre a emergência da ciência enquanto campo de saber e da inserção da mulher nele.

## Alguns traçados teórico-metodológicos

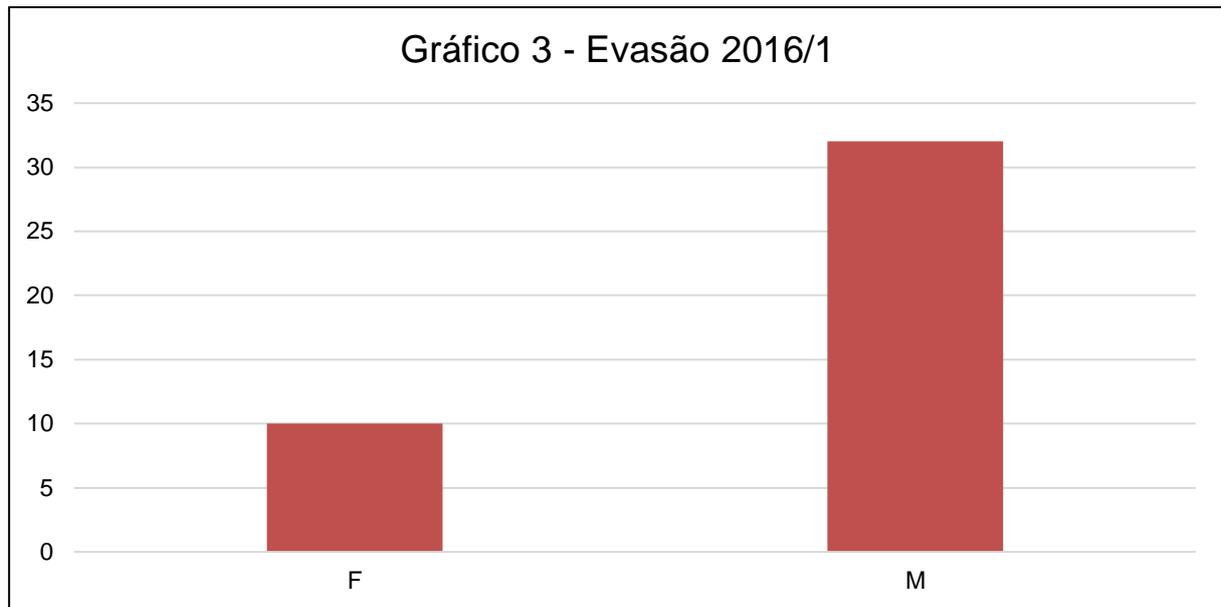
O presente trabalho baseia-se metodologicamente em uma pesquisa de revisão, de cunho bibliográfico, caracterizado por Gil (2010) como uma investigação que se desenvolve por meio de diversas fases, que vai da escolha do tema, levantamento bibliográfico preliminar, formulação do problema e mais algumas etapas, até a redação do texto. E, também, na perspectiva de uma pesquisa qualitativa, um estudo por meio de coleta de dados que, segundo Neves (1996), não busca enumerar ou medir eventos, mas, sim, trabalhar a partir de dados descritivos para a realização do estudo.

Apresentaremos alguns dados que não servirão para uma análise, mas para o propósito de realizar uma contextualização deste trabalho. Todos foram disponibilizados pela coordenação do Curso de Licenciatura em Computação. As informações versam sobre matriculados, egressos e evasões por gênero, para as quais foram criados os gráficos dos períodos selecionados de 2012/2, primeira turma do Curso, 2014/1, 2016/1, 2018/1 e 2020/1. Entendemos que tais dados possibilitam uma visibilidade sobre a configuração do Curso em termos de gênero e do quanto nossa compreensão sobre a hegemonia dos homens em tal campo se confirma.

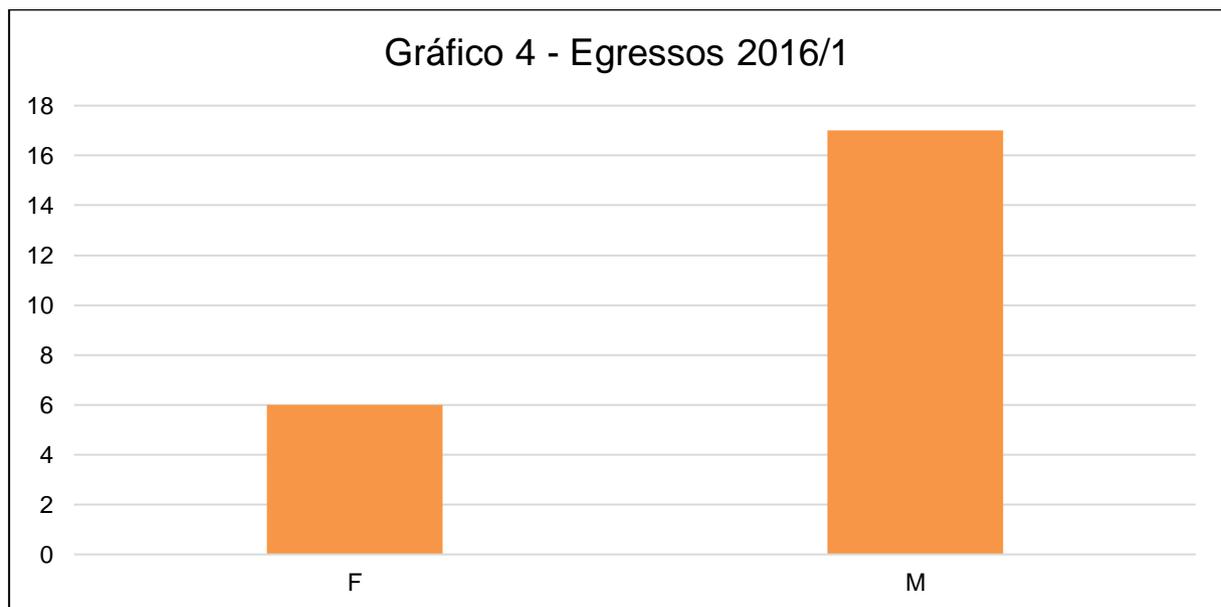
Aqui disponibilizamos os gráficos do período de 2016/1 como um primeiro subsídio para as problematizações da pesquisa, dos matriculados, dos evadidos e dos egressos. Os demais encontram-se no decorrer do trabalho e nos Apêndices.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

O estudo bibliográfico se deu por meio de artigos coletados em plataformas acadêmicas, como o Google Acadêmico, Scielo, Portal de Periódicos da CAPES e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), utilizando para as buscas as palavras-chaves: *mulheres na ciência*, *mulheres na computação*, *mulheres na licenciatura*, *mulheres na licenciatura em computação*. Após as buscas, encontramos na plataforma Google Acadêmico 901.000 resultados para a palavra-chave *mulheres na ciência*; 38.800 para *mulheres na*

computação; 102.000 para *mulheres na licenciatura*; 12.000 resultados para *mulheres na licenciatura em computação*.

No Scielo, as buscas por *mulheres na ciência* resultaram em 80 trabalhos e *mulheres na computação* resultaram em 9. *Mulheres na licenciatura* e *mulheres na licenciatura em computação* não corresponderam às investigações. Estas palavras aparecem relacionadas a outros assuntos divergentes da temática pesquisada, como, por exemplo, mulheres na medicina e outras áreas da saúde.

No Portal de Periódicos da CAPES localizamos pelas palavras acima, respectivamente, 6.563, 264, 574 e 33 trabalhos.

Pelo BDTD buscamos por *mulheres na ciência* e *mulheres na computação* por meio de uma busca avançada<sup>3</sup>, resultando em 46 trabalhos. Utilizamos somente estas palavras-chave, pois já tínhamos materiais suficientes referentes às outras.

Diante do grande número de resultados encontrados nos bancos de dados e como forma de selecionar alguns trabalhos acadêmicos mais relevantes para o estudo, fizemos um recorte de busca, selecionando aqueles que apareceram nas primeiras páginas de cada plataforma. Logo, foi realizada a leitura dos resumos de cada trabalho. Dessa forma, fizemos nova seleção daqueles trabalhos considerados relevantes em sua temática para esta investigação proposta. Apresentamos, então, os trabalhos que seguem: A ciência e sua constituição na modernidade: possibilidades para pensar o presente (HENNING; CHASSOT, 2011); Mulheres na Ciência: vozes, tempos, lugares e trajetórias (SILVA, 2012); Mulheres docentes no ensino superior: problematizando questões de gênero na Universidade Federal do Pampa (BACKES; SILVA; THOMAZ, 2016); Mulheres na Computação: percepções, memórias e participação de estudantes e egressas (CASTELINI, 2018).

O primeiro texto escolhido foi o artigo intitulado A ciência e sua constituição na modernidade: possibilidades para pensar o presente, escrito por Paula Corrêa Henning e Attico Inácio Chassot (2011), para ajudar a contextualizar historicamente a constituição de ciência durante os caminhos históricos da sociedade. Esse texto traz a história das ciências, problematizando as fragilidades do fazer ciência pela modernidade e a pós-modernidade.

O segundo texto se refere à tese Mulheres na Ciência: vozes, tempos, lugares e trajetórias de Fabiane Ferreira da Silva (2012), busca investigar a participação e a inserção das mulheres na ciência moderna, mostrar a trajetória das mulheres na vida acadêmica e profissional, por meio de entrevistas que ao serem analisadas constatarem relações de poder que

---

<sup>3</sup> Na busca avançada na plataforma tem a opção de buscar por várias palavras-chave a fim de facilitar a pesquisa.

atravessam as relações sociais emergindo os preconceitos de gênero sobre o sexo feminino. Essas trajetórias são construídas em ambientes padronizados como masculinos, dificultando a participação feminina na ciência.

Mais um texto de grande valia para a construção deste trabalho foi o artigo *Mulheres docentes no ensino superior: problematizando questões de gênero* na Universidade Federal do Pampa, escrito por Vanessa Ferreira Backes, Fabiane Ferreira da Silva e Jean Rodrigo Thomaz (2016), que trata da presença feminina como docentes no ensino superior, investigando a trajetória de cinco professoras da Universidade Federal do Pampa, analisando um questionário por elas respondido, para compreender os motivos pelos quais elas escolheram seguir a carreira docente, área considerada feminina, e também outros dados que mostram que ainda existe diferença de gênero nas universidades quanto ao número de professores e professoras.

Outro trabalho selecionado como embasamento desta pesquisa foi a dissertação *Mulheres na Computação: percepções, memórias e participação de estudantes e egressas*, de Pricila Casteleni (2018), que realizou oficinas com estudantes e egressas de cursos da área de computação com o intuito de trazer suas memórias e percepções sobre a participação feminina na área de computação. Promoveu discussões sobre o assunto e analisou os relatos, alguns resultados foram encontrados, como o pré-julgamento dessas mulheres, assédio ou sentimento desfavorável por ser mulher e estar em uma área hegemonicamente masculina, onde encontram também a falta de representatividade. Com poucas mulheres na área, buscou discutir também estratégias para mudar este cenário, para que mais mulheres ingressem nesta área e que ela se torne mais inclusiva.

Dentre outros utilizados nesta pesquisa, estes foram escolhidos para destacar aqui, pois consideramos que se adequam a esta perspectiva teórico metodológica. São autores, pesquisadores, professores de universidades que exercem um papel ativo como professores e como cientistas, incluindo também dois livros que tratam sobre modernidade. Um deles é *Modernidade Líquida* (BAUMAN, 2001), que trata sobre a transição que a sociedade passa dos sólidos para os líquidos, alterando as relações de poder, redefinindo estes padrões, promovendo um mundo onde as mudanças ocorrem mais rapidamente e rompem com a solidez do mundo moderno. Outro livro é *Jamais Fomos Modernos* (LATOUR, 2019), que traz uma problematização sobre a modernidade e nos propõe um novo olhar para esta nova sociedade moderna, apresentando conceitos de política e ciência.

Realizamos esses levantamentos e buscamos essas bibliografias para entender as condições, as trajetórias e como estes campos foram se constituindo, considerados masculino o

campo da computação e feminino o campo docente, para então compreendermos tais questões que atravessam o Curso de Licenciatura em Computação do IFSul.

## **Traçando um olhar sobre a fabricação da Ciência**

Durante toda sua existência, o mundo passa por diversas mudanças, vários acontecimentos naturais e históricos, como os tsunamis e os terremotos, as revoluções e as guerras, fazendo com que tudo que foi construído seja repensado ou reconstruído, provocando efeitos na vida social e cultural dos sujeitos. Um período de mudanças então se instaura na Europa, uma fase com novos pensamentos e novas perspectivas, período que marca a chamada “idade moderna”, em que acontece a ruptura com a idade média, ou idade das trevas, que era dominada pelo obscurantismo religioso. Para Latour

A modernidade possui tantos sentidos quantos forem os pensadores ou jornalistas. Ainda assim, todas as definições apontam, de uma forma ou de outra, para a passagem do tempo. Através do adjetivo moderno, designamos um novo regime, uma aceleração, uma ruptura, uma revolução do tempo (2019, p. 20).

E assim com o Renascimento, as grandes navegações, a criação do estado-nação, as monarquias e o Iluminismo, ascendia um novo tempo, racional e científico, em que a ciência torna-se relevante, legitimadora de conceitos, como uma nova religião a ser seguida, estabelecendo a verdade para o mundo, uma verdade absoluta, com um propósito de guiar a sociedade e seu pensamento. Ainda com o Iluminismo, surgiram novos princípios como os de igualdade e liberdade, dividindo opiniões também sobre esses ideais, se aplicaram às mulheres assim como aos homens. De acordo com Hannah McCann et. al (2019, p. 30), “o pensador francês Jean Jacques Rousseau considerava as mulheres naturalmente mais fracas e menos racionais do que os homens e, portanto, dependente deles”. Neste período, Walkerdine complementa

As mulheres representaram o Outro da Razão: elas continham o irracional. Meu argumento é que a naturalização da razão como o ponto de chegada de uma progressão dos estádios de desenvolvimento coloca a Mulher como constantemente ameaçando esta meta. Ela é constantemente condenada por não raciocinar e igualmente reprovada se o faz. Seu raciocínio é visto como constituindo uma ameaça à masculinidade raciocinante (1995, p. 7).

Neste tempo, então, por mais “moderno” que se dissesse ser, as mulheres eram colocadas em segundo plano, impossibilitadas do exercício da razão, diante de uma sociedade machista que via a figura feminina com um único objetivo de vida – ser mãe e esposa –, por

mais que a modernidade tivesse o intuito de transformar o pensamento obscuro da igreja. Neste sentido, é fácil perceber que ainda não o tinham remodelado totalmente.

Segundo Bauman (2001), o mundo moderno, constituiu-se por sua solidez. Era formado por um ideário de controle do mundo pela razão, pela racionalidade e técnica, e pela grande crença na ciência, que era vista como algo transcendental, usada para a valoração de tudo. Assim, todo o conhecimento atento e aprofundado, adquirido por meio de procedimentos como observação, pesquisa, explicação de determinados fenômenos ou fatos, pode ser chamado de ciência. Em seu princípio, a ciência era compreendida como algo absoluto, como verdade única. Desse modo, ciência e a racionalidade eram a forma de conhecer e compreender o mundo ou encaradas como a única possibilidade de saber verdadeiro. Nesse sentido, assumia-se um ideário em que, quanto mais desenvolvida cientificamente, mais a humanidade caminhava rumo a um progresso, a uma evolução.

A solidez da era moderna então perdura até meados do século XX, quando se inicia a Primeira Guerra Mundial e, com ela, as construções desta começam a ruir, gerando questionamentos, principalmente voltados para a política e para a sociedade, enfraquecendo os ideais de um mundo perfeito e então permitindo novas discussões. Na ciência, Henning e Chassot destacam que

A ciência é uma das muitas maneiras de produzirmos conhecimentos. Não vista mais como a melhor/a única condição de chegarmos à verdade ela se desmancha, se constitui como um saber importante e necessário tanto quanto o senso comum, a literatura e as artes. Assim, percebemos que a indispensável busca por querermos constituir tudo em ciência fragiliza-se (2011, p.7).

Desta forma, a solidificação construída vai se diluindo e abrindo espaço para novos pensamentos, novos tempos, incluindo a ciência, em que alguns paradigmas são tensionados e passa-se a aceitar suas fragilidades, possibilitando assim que outros mecanismos de se fazer conhecimento também sejam postos para discussão, tais como saberes populares, religiosos, mitos, entre outros. A nova compreensão de ciência, considerando uma perspectiva mais maleável, apresenta novas formas de se ver o mundo, como as coisas se constituem com um outro pensamento, um outro olhar, possibilitando algumas quebras de padrões frente à compreensão científica anterior. Henning e Chassot ressaltam

Pensar em que tempo estamos parece-me ser um questionamento que ainda hoje muitos de nós nos fizemos: um tempo de rupturas epistêmicas, metodológicas, educacionais, sociais, políticas, econômicas; um tempo em que anunciamos novas maneiras de olhar o mundo, olhar a ciência, de pensar: o que hoje conta como verdade neste espaço-tempo, neste contexto cultural?

Indagar sobre isso é, pelo menos, abrir possibilidades e novos caminhos de aceitar outras formas de ver o mundo (2011, p.3).

Com a falência da constituição moderna, tudo está em constante transformação, tudo se torna incerto, novos tempos começam agora e estes são denominados por Zygmunt Bauman (2001) como modernidade líquida. Com este termo, ele usa uma metáfora com a química, pois o líquido, ao contrário do sólido, muda de forma rapidamente e com isso se adapta melhor aos espaços. Bauman (2001, p. 9) reforça: “essas são razões para considerar ‘fluidez’ ou ‘liquidez’ como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras, na história da modernidade”. Do mesmo modo, diferentes relações interpessoais vão sendo construídas, a cultura do eu se instala fazendo com que cada vez mais o individualismo faça parte da sociedade. O mundo agora é mais volátil, o tempo e as mudanças ocorrem mais rápido e com mais facilidade, e assim começa a surgir o “derretimento dos sólidos”<sup>4</sup>.

Parece que esse “derretimento” vem ocorrendo mediante diversos movimentos de resistência que acontecem pelo mundo, a fim de modificá-lo. Entre eles está o movimento do feminismo, que faz com que mais mulheres, a cada dia, manifestem-se e lutem por espaços e direitos, provocando essas rupturas sociais e culturais. O papel da mulher vem se transformando e tomando novas posições, modifica-se a cada dia e está cada vez mais líquido, inundando variados lugares, infiltrando-se pelas brechas, pelas fissuras das escolas, dos laboratórios, das empresas, das Universidades, de onde quiserem entrar. Elas fluem, vazam pelas estruturas, provocando uma diferença. Por mais que esta modernidade líquida inunde os dias atuais, a forma com que a sociedade pensa e produz conhecimento ainda é pela ciência – menos dura, menos rígida, mas ainda assim pela ciência.

Antes de a mulher conquistar seu espaço, ganhar sua força e quebrar os sólidos, compreende-se o quanto esse processo é difícil e leva tempo. É preciso voltar alguns anos, alguns séculos para entender melhor esta caminhada. A inferioridade feminina começa quando, ao olhar para sua história, percebe o quão recente ela é: ao buscar seu espaço não se encontra nem se conta nada, a não ser por “uma representação do olhar masculino” (COLLING, 2004, p. 3). Contadas aos olhos dos homens – sua função social dada como aquela que cuida apenas do lar –, estratifica-se como a única forma válida de ser e aparecer mulher na sociedade: “recatada e do lar”.

---

<sup>4</sup> Segundo Bauman, “quando cunhada há um século e meio pelos autores do *Manifesto comunista*, referia-se ao tratamento que o autoconfiante e exuberante espírito moderno dava à sociedade, que considerava estagnada demais para seu gosto e resistente demais para mudar e amoldar-se a suas ambições” (2001, p.9).

Os discursos da própria igreja já moldam uma sociedade machista quando contam a história do jardim do Éden, dizendo que foi a mulher que comeu a maçã e fez com que toda a humanidade fosse expulsa do paraíso. Culpada, teve como castigo a punição de que sofreria com a dor do parto e que seria vigiada pelo marido para que não cometesse nenhum deslize novamente. Esse conto, em alguns pontos de vista, foi o pontapé inicial do patriarcado, definindo o papel da mulher na sociedade ocidental. Assim como este, outros tantos surgiram em diferentes círculos sociais e culturais para afirmar e definir qual a posição feminina diante da sociedade.

A hierarquia masculina se solidificou de forma geral em muitas culturas. Desde seu nascimento, as mulheres são designadas para determinadas funções. Na infância, uma inocente brincadeira de boneca ou de casinha já é um exercício da função que deverá seguir mais adiante. Enquanto isso, os meninos têm uma maior oportunidade de escolha dessas brincadeiras que, muitas vezes, servem para designar uma profissão, uma “vocação” no futuro, ao serem expostos aos carrinhos, caminhões, bola, foguete, skate. As opções são muito mais diversificadas ao comparar com o mundo infantil feminino. Percebemos isso também no vestuário infanto-juvenil, com as cores e estampas das roupas direcionadas a determinado gênero – as roupas das meninas são cor de rosa e estampadas com princesas, as dos meninos são azuis, com carrinhos, dinossauros, super-heróis. Essa cultura foi se instalando, se naturalizando a partir de discursos hegemônicos que ainda prevalecem nesta contemporaneidade, colaborando para uma determinada constituição dos sujeitos e das relações.

A compreensão de gênero pode ser definida como características que diferenciam femininos e masculinos, podendo incluir o sexo biológico. Para Colling (2004, p. 11), “falar em gênero em vez de falar em sexo indica que a condição das mulheres não está determinada pela natureza, pela biologia ou pelo sexo, mas é resultante de uma invenção social e política”. A definição do gênero feminino foi construída historicamente baseada na representação masculina: o homem ditou essa diferença e determinou a divisão dos gêneros. Para Scott

Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens. Ainda que os/as pesquisadores/as reconheçam a conexão entre sexo e aquilo que os/as sociólogos/as da família chamaram de "papéis sexuais", esses/as pesquisadores/as não postulam um vínculo simples ou direto entre os dois. O uso de "gênero" enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade. (1995, p. 75).

A maioria das mulheres, submetidas por essa cultura patriarcal, assumem então seu discurso, passando a se ver da mesma forma, sem conseguir enxergar a si próprias, aderindo a ideia de que são dominadas, de que realmente são inferiores e devem seguir seu papel, naturalizando essa desvalorização da imagem feminina. Após passar por toda essa construção da infância, a mulher então caminha para as suas escolhas acadêmicas ou profissionais que também foram construídas culturalmente, ou seja, pensadas e criadas para um determinado gênero. Nessa correnteza, na próxima sessão, será abordado uma problematização frente as informações obtidas do Curso, e a partir delas construímos algumas discussões sobre a feminização do magistério, a constituição masculinizada do campo da computação e do Curso de Licenciatura em Computação.

## **Problematizando achados da pesquisa**

As mulheres eram ensinadas e preparadas para exercer as funções ditas “naturais” do seu gênero, aprendendo desde cedo a costurar, a cozinhar, a como andar e sentar, a ter bons costumes e, então, estariam preparadas para cumprir sua função de casar, de ser mãe, de cuidar da casa e de servir ao marido. Estas foram por muito tempo funções destinadas, ou melhor, impostas e naturalizadas para o gênero feminino, sem descartar que esta visão sobre a mulher ainda prevalece.

Culturalmente, no ramo da ciência, as mulheres eram as que optavam pelas ciências humanas, consideradas ciências moles, pelo fato de terem o lado sentimental, afetivo, maternal mais aflorado. No entanto, a profissão de educador/docente nem sempre foi uma função feminina. Historicamente, em seu princípio, era destinada apenas para os homens, pois as mulheres não tinham acesso à educação, já que cabia a elas apenas as atividades consideradas próprias para o seu gênero, como cuidar da casa e da família. Posteriormente, no Brasil, foram surgindo mais espaços para as mulheres na educação com a criação da “escola de primeiras letras”, onde havia turmas para as meninas e para os meninos, separadamente, com professoras para as moças, e professores para os rapazes. Ambos aprendiam leitura, escrita, soma e as operações, mas elas ainda aprendiam costura e bordado e eles, a geometria. Percebe-se aqui também uma grande influência da igreja neste modelo educacional, levando em conta que estes profissionais deveriam ser extremamente respeitados, dar bons exemplos e, para tanto, precisavam ter uma boa índole, elementos indispensáveis da moral cristã.

Os homens começaram a se afastar do cargo de professores quando as oportunidades de emprego com melhor remuneração foram aumentando, fazendo com que mais mulheres assumissem a profissão. Inicialmente isto causou estranhamentos, pois a mulher estaria desviando-se da função do lar. Porém, em seguida assumiu-se a compreensão de que, como já cuidavam e educavam os filhos, tinham por “natureza” seus sentimentos mais aflorados e também o “instinto maternal”, considerado necessário para o exercício da docência. Portanto, muitas mulheres optavam por seguir esta carreira, pois não haviam alcançado o objetivo de ser mãe, esposa, e assim dedicavam sua vida a isto. Desde então, as mulheres continuam inundando as escolas. Louro traz uma definição do magistério

As professoras são compreendidas como mães espirituais, cada aluno ou aluna deve ser percebido/a como seu próprio filho ou filha, mantém-se o caráter de doação e de entrega que já se associava à atividade docente (1997, p. 97).

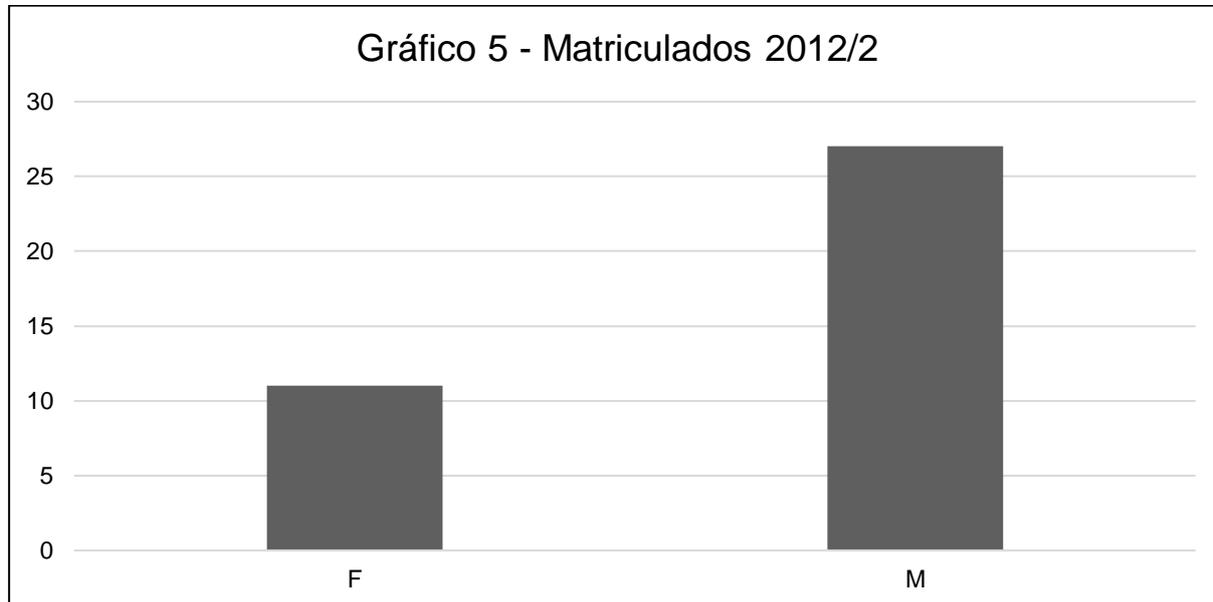
E, desse modo, encontramos algumas trações de como se iniciou a feminização do magistério, que de forma cultural foi se constituindo mais feminino, principalmente a docência dos anos iniciais, em que na maioria das vezes as professoras ainda são chamadas de “tias” pelas crianças, afirmando o início dessa cultura. Nela se estabeleceu que a professora é, antes de tudo, uma mãe, que toma conta dos seus alunos. Todo seu trabalho educacional nem sempre é valorizado como uma profissão e continua sendo uma carreira para mulheres – e com uma baixa remuneração. Atualmente, percebe-se uma diferença entre o número de professoras e professores nas escolas e universidades. As mulheres são maioria atuante na educação básica, segundo resultados divulgados pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) (2018, p. 18) “Na educação infantil e nos anos iniciais, a participação das mulheres está, em média, em torno de 90%; nos anos finais e ensino médio, esse percentual cai para valores aproximados de 69% e 60% em 2017 (respectivamente).” Já no ensino superior, onde estão os maiores salários, os números mudam, de acordo com os dados das Notas Estatísticas do Censo da Educação Superior (2019, p. 7) “Tanto na rede privada quanto na rede pública, os docentes mais frequentes são homens” e então os homens ganham a maioria.

A licenciatura é considerada e inserida em uma outra perspectiva, um campo de saber mais solidificado, mais racional, quando unida aos conhecimentos científicos como a geografia, a matemática, a computação, entre outras. Esta união traz a inquietação do porquê muitas vezes alguns cursos de formação de professores têm grande diferença de gênero entre os alunos, quando buscam pela área que culturalmente é designada para mulheres ou para homens. Percebemos isso no próprio Curso de Licenciatura em Computação do IFSul, onde, desde seu

início em 2012, percebe-se uma vasta diferença de gênero entre os alunos matriculados, e desde então vem se constituindo um Curso masculinizado, por ter união com a computação, uma ciência exata, em que o público masculino se identifica baseado nesta cultura dominante sobre os cursos que são para mulheres ou para os homens. Castelini reforça esta afirmação

Há diversas hipóteses sobre a desigualdade de gênero na área de Computação que os estudos citados acima denunciam. Uma delas envolve uma construção cultural que associa a imagem das carreiras na área de computação como ligadas à racionalidade e à lógica (2018, p. 29).

A computação entrou neste modelo cultural patriarcal, embora, de acordo com a história, muitas mulheres tenham participado do início dos computadores, principalmente na programação das primeiras máquinas<sup>5</sup>. Em seguida, mais homens iniciaram sua participação nesta área e assim foram afastando as mulheres, reforçando que aquele deveria ser um lugar hegemonicamente masculino. Como nos mostra o gráfico do período de 2012/2, sobre os dados da primeira turma do Curso de Licenciatura em Computação, onde as mulheres somam apenas 11 comparado aos 27 homens, confirmando todo o histórico da computação sobre a participação feminina, a baixa procura se dá devido toda caracterização masculina que envolve esta área.



Fonte: Elaborado pela autora (2021)

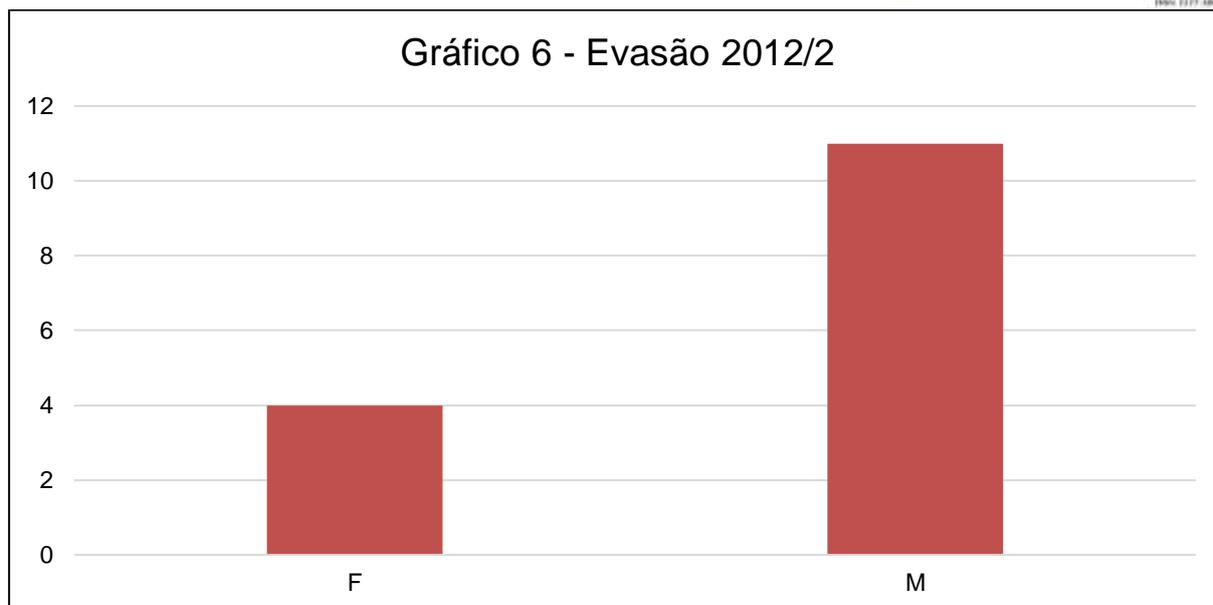
<sup>5</sup> Segundo Silveira, “de fato existiu uma época em que as mulheres eram maioria nesse setor. Nos seus primórdios, essas máquinas eram usadas basicamente para realizar cálculos e processamento de dados, atividades então associadas à função de secretária. Daí serem utilizadas quase só por mulheres” (2018, S/P).

Uma outra questão que percebemos no Curso, diz respeito ao quanto a questão de “ser professor” causa um estranhamento na maioria dos homens quando ingressam. Muitos buscam o Curso pensando somente na computação e, ao dar-se conta de que se trata de uma formação de professores, pensam logo na desistência. Tal situação repete-se quando olhamos para os professores e professoras do Curso. Os homens são maioria nas disciplinas técnicas (computacionais), já nas disciplinas teóricas (educacionais) é predominante a presença de professoras. No Curso existem mulheres docentes que atuam nas disciplinas técnicas, mas ainda é um número baixo em relação aos professores. Ainda assim, enxergamos como uma representatividade para nós, professoras e alunas, como um estímulo para seguirmos nesta área e seguirmos lutando para quebrar as naturalizações culturais da carreira que escolhemos. Assim, Backes, Silva e Thomaz reforçam

Podemos observar que a participação feminina no ensino superior está estendendo-se em diversas áreas antes frequentadas por maioria masculina. Porém ainda é necessário que as mulheres vençam preconceitos próprios e normas que ditam os lugares que homens e mulheres devem ocupar na sociedade. Para tanto, é necessário dar igual visibilidade, poder e participação equivalente para homens e mulheres em todas as esferas da vida privada e/ou pública, ou seja, é necessário que haja uma igualdade de gênero (2016, p. 15).

Com o baixo número de mulheres que buscam cursos de computação, acreditamos que estes poderiam proporcionar mais discussões sobre estas diferenças de gênero, promovendo debates a fim de desconstruir tais “heranças” culturais, mostrando que esta área deve ser frequentada por mulheres assim como é frequentada pelos homens e, então, alcançar o público feminino. Na maioria das vezes, isso pode causar um encorajamento naquelas que gostam deste meio, mas que, por preconceitos machistas, desistem e acabam procurando alguma outra área.

Como afirmação de que a cultura, tanto da parte da licenciatura quanto da computação, possui rachaduras, pode-se observar no gráfico abaixo, ainda no período de 2012/2, que o número de alunos evadidos é, em maioria, masculino. Mesmo com poucas mulheres no Curso, são poucas as que evadem.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021)

Os comentários que surgem frente a estas evasões, por parte dos homens, são: “não quero ser professor”, “esse curso é para mulher”. Por parte das mulheres, quando desistem, surgem as falas “programação é muito difícil”, “computação é curso para homem” – mais uma vez indicando como a naturalização da divisão de gênero criada pela sociedade atravessa a constituição acadêmica, reafirmando a dicotomia apresentada aqui.

Logo, escolhemos estes dois gráficos para evidenciar o quanto a computação e o quanto o Curso de Licenciatura em Computação do IFSul se constituem como um campo de saber masculino, pouco procurado por mulheres, devido a todas as construções sociais sobre gênero e como isso se mantém forte ainda nesta era moderna e fluida. Os demais gráficos encontram-se reunidos nos apêndices, de acordo com os quais, de 2012 até o presente ano, também se repete o fato de as mulheres serem minoria, por mais que, como falado anteriormente, o magistério, o ser professora, seja uma área feminina. Neste caso, o nome computação recebe maior evidência no momento da escolha, entretanto, no decorrer do Curso, o número de evadidos dos homens é alto em vista das mulheres.

### **Considerações finais**

Este artigo procurou investigar e tensionar o papel da mulher na ciência e no meio acadêmico, especialmente no Curso de Licenciatura em Computação do IFSul, a fim de entender como estes campos se constituem frente às relações de gênero histórico-culturais. O campo da ciência, por mais inundado que esteja com a modernidade, se constituiu e se mantém como um meio masculino, carregando consigo a cultura patriarcal que se estabeleceu neste

círculo, onde a figura masculina se mantém em evidência. Diante deste fato, respinga principalmente nos espaços acadêmicos. Percebemos isso quando nos deparamos com a divisão que ocorre entre os cursos, quando ouvimos “cursos para as mulheres” e “cursos para os homens”.

Nosso objetivo era investigar sobre o papel da mulher na ciência, especialmente no Curso de Licenciatura em Computação do IFSul. Para alcançar o objetivo desta pesquisa, realizamos a busca por outros trabalhos que também discutissem sobre como a ciência se constitui masculinizada, sobre o papel da mulher na ciência, sobre a feminização do magistério e, então, unimos aos dados do Curso, sobre os matriculados, egressos e evadidos, como forma de contextualização, a fim de compreender os motivos histórico-culturais que levam o Curso a se constituir como um campo hegemonicamente masculino – por mais que se trate de uma licenciatura, que é considerada uma área feminina, tem os homens em maior número de matriculados.

Ao final deste, consideramos que os objetivos propostos para a realização desta pesquisa e a pergunta norteadora – “Como chegamos a essa naturalização que delimita alguns campos de saber como mais propícios aos homens do que às mulheres?” – foram alcançados. Contudo, compreendemos o quanto esta temática pode ser expandida e a partir deste artigo podem surgir novas lacunas a serem estudadas, pois este tema merece relevância e precisa ser cada vez mais discutido, a fim de elevar a participação feminina em espaços ditos masculinos e mostrar que o lugar da mulher é onde ela quiser!

## Referência

**6 mulheres importantes na história da tecnologia. Blog Lanlink.** [post] 06 mar. 2018. Disponível em: <https://www.lanlink.com.br/blog/mulheres-importantes-historia-tecnologia/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

BACKES, Vanessa Ferreira; SILVA, Fabiane Ferreira da; THOMAZ, Jean Rodrigo. Mulheres Docentes no Ensino Superior: Problematizando Questões de Gênero na Universidade Federal do Pampa. **Cad. Ed. Tec. Soc.**, Inhumas, v. 9, n. 2, p. 166-181, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.  
BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep)**. Censo da Educação Superior 2019: notas estatísticas. Brasília, 2019. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2020/Notas\\_Estatisticas\\_Censo\\_da\\_Educacao\\_Superior\\_2019.pdf](https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Notas_Estatisticas_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf) Acesso em: 19 jan. 2021.

CARVALHO, Maria Regina Viveiros de. Perfil do professor da educação – Brasília, DF: **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**, 2018. 67 p. – (Série Documental. Relatos de Pesquisa, ISSN 0140-6551 ; n. 41) Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/486324/Perfil+do+Professor+da+Educa%C3%A7%C3%A3o+B%C3%A1sica/6b636752-855f-4402-b7d7-b9a43ccffd3e?version=1.13> Acesso em: 19 jan. 2021.

CASTELINI, Pricila. **Mulheres na Computação**: percepções, memórias e participação de estudantes e egressas. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, p. 136, 2018.

COLLING, Ana Maria. Gênero e História. Um diálogo possível? **Contexto e Educação**, ano 19, n. 71/72, p. 29-43, jan/dez. 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HENNING, Paula Corrêa; CHASSOT, Attico Inácio. **A ciência e sua constituição na modernidade**: possibilidades para pensar o presente. **Percursos**, Florianópolis, p. 1-15, jun. 2011. Disponível em:

<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1870/1751>. Acesso em: 20 nov. 2019.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. 4. Ed. São Paulo: Editora 34, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACCANN, Hannah, et. al. **O Livro do Feminismo**. As grandes ideias de todos os tempos. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MORENO, Ana Carolina. **Dia das Professoras: Nove em cada dez estudantes de pedagogia são mulheres e maioria faz curso a distância**. **G1 - O portal de notícias da Globo**. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/guia-de-carreiras/noticia/dia-das-professoras-nove-em-cada-dez-estudantes-de-pedagogia-sao-mulheres-e-maioria-faz-curso-a-distancia.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2017.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, uso e possibilidades. **Cadernos de pesquisa em administração**, São Paulo. V. 1, nº 3, 2ºsem. 1996.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 207, jul/dez. 1995.

SILVA, Fabiane Ferreira da. **Mulheres na ciência**: vozes, tempos, lugares e trajetórias. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) - Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, p. 149, 2012.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Trajetórias de mulheres na ciência. **Ciência & Educação, Bauru**, v. 20, n. 2, p. 449-466, abr. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1516-73132014000200012>. Acesso em: 10 dez. 2019.

SILVEIRA, Evanildo da. **Como as mulheres passaram de maioria a raridade nos cursos de informática. BBC Brasil.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592581?>. Acesso em: 19 jan. 2021.

**VAIANO, Bruno; KRAUSS, Juliana. 8 mulheres cientistas que você precisa conhecer. Revista Super Interessante.** 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/8-mulheres-cientistas-que-voce-precisa-conhecer/>. Acesso em: 21 nov. 2019.

WALKERDINE, Valerie. O Raciocínio em Tempos Pós-Modernos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 207, jul/dez. 1995.

**Recebido em:** mês de ano.

**Publicado em:** mês de ano.